educação infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.

Ferreiro, E. Com todas as letras. 2. ed. Tradução: Maria Zilda da Cunha Lopes. São Paulo: Cortez, 1993.

KISHIMOTO, T.M. Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação. Petrópolis: RJ: Vozes, 1993.

O jogo e a educação infantil. São Paulo: Pioneira, 1994.

OLIVEIRA, M.K. Teorias psicogenéticas em discussão. 5. Ed. São Paulo: Summus, 1992.

PIAGET, J. A formação do símbolo na criança: imitação, jogo, imagem e representação. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

. A formação do Símbolo na Criança: imitação, jogo e sonho. Rio de Janeiro: Zanar, 1978.

VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente. São Paulo: Fontes, 2007.

OS CONTOS DE FADAS SÃO LINDAS

HISTÓRIAS REPLETAS DE ENCANTOS

JANDIRA DOS SANTOS

RESUMO

À medida que as crianças se desenvolvem e começam a se entender indivíduos autônomos, tornam-se mais capazes de compreenderem e relacionarem-se com os outros de maneira satisfatória e significativa e ao desenvolver sentimentos positivos e utilizarem mais a racionalidade para obterem a esperança no futuro que é à base de sustentação contra as diversidades que fatalmente encontrarão pela vida. Partindo deste pressuposto, iniciou-se a busca por literaturas capazes de desenvolver não só a mente como também a personalidade das crianças, ao perceber que os livros e cartilhas, onde aprendiam a ler na escola, não apresentavam significado para o fim desejado, uma vez que ao orientar-se para o ensino e desenvolvimento de habilidades, somente informavam e divertiam, porém nada acrescentavam de substancial à vida. Dessa forma encontrou nos contos de fadas a melhor literatura infantil, tanto para as crianças pequeninas que ainda não lêem e necessitam da presença de outro para que o façam para ela, como para as que já freqüentam a escola e portanto já se tornaram elas próprias leitoras. Uma boa historia infantil, deve prender a atenção, entreter e despertar a curiosidade das crianças, porém para enriquecer-lhes a vida, deve, sobretudo estimular-lhes a imaginação, ajudá-las a desenvolverem seu intelecto e clarear suas emoções, harmonizar suas ansiedades e aspirações ao permitir que reconheçam as dificuldades e estimular soluções para os problemas que lhes apresentam de forma perturbadora.

PALAVRAS- CHAVE: Crianças; Sentimentos; Personalidade; Ensino; Contos.

ABSTRACT

As children develop and begin to understand autonomous individuals, they become better able to understand and relate to others satisfactorily and meaningfully, and to develop positive feelings and use rationality more for hope in the future. which is the basis of support against the diversities that will inevitably find in life. Based on this assumption, the search began for literatures capable of developing not only the mind but also the personality of the children, realizing that the books and booklets, where they learned to read in school, had no meaning for the desired end, once that in orienting themselves

to teaching and developing skills, they merely informed and entertained, but added nothing substantial to life. In this way she found in fairy tales the best children's literature, both for young children who do not read yet and need the presence of others to do it for her, as well as those who already attend schooland therefore have become readers themselves. . A good children's story should catch the attention, entertain and arouse the curiosity of children, but in order to enrich their lives, it must above all stimulate their imagination, help them develop their intellect and clear their emotions, harmonize their anxieties. and aspirations by allowing them to recognize difficulties and to stimulate solutions to their troublesome problems.

KEYWORDS: Children; Feelings; Personality; Teaching; Tales.

INTRODUÇÃO

Os contos de fadas são lindas histórias repletas de encantos que vêm fascinando adultos e crianças através dos tempos. Acredita-se que os primeiros contos de fada tenham origem céltica no sec. II A.C. e não se constituem apenas como mera forma de entretenimento infantil, por sua tradição popular, mas tratam da essência da condição humana. Funcionam como espelho que ocultam e mostram profundamente os problemas existenciais que são resolvidos por intervenção do elemento mágico.

Antigamente os pastores, lenhadores e caçadores, passavam bom tempo de suas vidas sozinhos nas florestas, campos e montanhas, onde eram surpreendidos repentinamente por visões interiores muito fortes, que os deixaram assustados. Corriam então de volta as suas aldeias e relatavam o que tinha acontecido a todos que quisessem ouvir. Daquela visão inicial iam-se formando lendas e mais tarde "contos maravilhosos" que foram evoluindo até chegar aos contos de fadas atuais.

O pensamento místico, no caso dessas visões espontâneas, é compreendido como um pensamento essencialmente elementar arquetípico emotivo que ordena os elementos psíquicos em imagens, de modo típico.

Embora a tradição oral céltica do "conto mágico" seja antiga, Squiri (2003) afirma que foi somente no século VII, com a transcrição do poema épico anglo-saxão "Beowulf" que ela começou a ter registro material. Já as fadas tiveram seu primeiro registro no século IX nas páginas do "Mabinogion", texto galês composto por quatro histórias distintas.

Mas segundo Cashdan (2000), os contos de fadas inicialmente não foram escritos para crianças, muito menos para transmitir ensinamentos morais. Em sua forma original, os textos traziam fortes doses de adultério, incestos, canibalismo e mortes hediondas. Muitos dos primeiros contos de fadas incluíram também exibicionismo, estupro e voyeurismo. Em uma das versões de "chapeuzinho vermelho", a heroína faz um strip-tease para olobo, antes de pular na cama com ele.

Em uma das primeiras interpretações de "A bela adormecida", o príncipe abusa da princesa enquanto ela dorme e depois parte, deixando-a grávida. E no conto "A princesa que não conseguia rir", a heroína é condenada a uma vida de solidão porque, inadvertidamente, viu determinadas partes do corpo de uma bruxa.

1. CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA DAS SOCIEDADES, DA CRIANÇA E DOS CONTOS

Nosso trabalho terá inicio com a caracterização dos contos de fadas ao longo do tempo, não esquecendo que a divisão his-

tórica baseia-se em fatos considerados por consenso marcantes para a evolução da humanidade, esses fatos são mudanças fundamentais nos campos da Política, tecnologia, ciências, artes e na filosofia. Sendo assim a Idade Média teve início na Europa com as invasões Bárbaras do século V estendendo-se até o século XV.

A mistura das culturas germânica e romana formou grande parte da cultura média muitos hábitos e aspectos políticos e artísticos permaneceram durante toda a idade média. A sociedade medieval era estática, tinha uma economia ruralizada, supremacia da Igreja Católica, produção feudal, sociedade hierarquizada e enfraquecimento rural.

A religião católica era detentora do poder espiritual, influenciava todas as áreas sociais; comportamentos, modos de pensar e a psicologia da época tinham também grandes poder econômico; quantidade de terras e até servos. Os monges viviam em mosteiros eram responsáveis pela proteção da sociedade, passavam grande parte do tempo rezando e copiando livros e a bíblia.

As guerras eram a principal fonte de obtenção do poder, os senhores se envolviam em guerras para aumentar terras e poder, os cavalheiros eram a base do exército medieval representando o que havia de mais nobre no período medieval.

A educação era para poucos, só os filhos dos nobres estudavam. Marcados pela influência da igreja, ensinando o latim, as doutrinas religiosas e táticas de guerra, a maior parte da população não tinha acesso a livros e era analfabeta, a arte teve forte influência religiosa e as pinturas e vitrais retratavam paisagens bíblicas e ensinamentos religiosos.

No século XI, com a expansão árabe os mulçumanos conquistaram a cidade de Jerusalém, o papa Urbano II convocou a primeira cruzada (l906), para expulsar os "infiéis" (árabes) da Terra Santa. Taís batalhas entre católicos e muçulmanos duraram cerca de dois séculos, deixando milhares de mortos e um enorme rastro de destruição, eram guerras marcadas por diferenças religiosas e tinham forte caráter econômico.

Em meados do século XIV, uma forte doença devastou a população européia. O cálculo é de que um terço dos habitantes morreu com esta doença, transmitida pela picada de pulgas e ratos que chegavam a Europa nos porões dos navios vindos do Oriente. As cidades medievais não tinham condições higiênicas adequadas, e para piorar muitos atribuíram a doença a fatores comportamentais, ambientais ou religiosos, com isso a população diminuiu muito, e os senhores feudais aumentaram os impostos, taxas e obrigações de trabalho dos servos sobreviventes, muito tiveram que trabalhar dobrado compensando os que morreram na epidemia.

Muitas regiões da Inglaterra e da França tiveram revoltas camponesas contra o aumento da exploração dos senhores feudais, tais revoltas foram combatidas com violência pelos nobres, muitas foram sufocadas e outras conquistaram seus objetivos, diminuindo a exploração e trazendo conquistas para os camponeses.

No século XVII, a criança era vista como adulto em miniatura, com mais de sete anos participava de assuntos pertencentes à sociedade, não havia preocupação em excluí-las das conversas de adultos e esses não se abstêm de qualquer referência a assuntos sexuais na presença delas; há certa promiscuidade, sendo comum dormirem na mesma cama com os pais ou com os criados que delas cuidam.

Assim ressalva Aranha (1998), quan-

do retoma o conceito atual de família

Quando nos referimos à família, é bom distingui-las do conceito que delas temos atualmente". É preciso imaginar o que era então a casa de um cavaleiro, reunindo num mesmo domínio, numa mesma corte dez, vinte senhores, dois ou três casais com filhos, os irmãos e as irmãs solteiras e l tio cônego, que parecia de tempos em tempos e preparava a carreira de um ou de outro. (ARANHA, 1998, p.97).

Não havia infância na forma como hoje a conhecemos, existiam várias atividades como adivinhas, jogos de palavras e rimas que só se tornaram o que conhecemos como literatura infantil quando foram separadas para um fim específico: servirem para as crianças. Esta adaptação significa envolver estas atividades com um caráter, moralizador, didático, que seja enfim, transmissores de valores vigentes.

Em suma, os contos de fada apresentam-se de forma enriquecedora para as crianças por estabelecerem relacionamento com todos os aspectos da personalidade infantil, sem menosprezá-la, ao contrário, busca dar crédito aos seus predicados além de promover a confiança nelas mesmas e no futuro que lhes apresenta tanto mais longínquo e nebuloso quanto menor elas forem.

A vida moderna e a globalização proporcionam vida desconcertante e complexa às crianças, de forma que elas precisam da possibilidade de perceber que para poderem vencer todos os obstáculos do dia-a-dia em sociedade devem aprender a lidar, com os problemas e para serem bem sucedidas às crianças necessitam de ajuda para dar sentido coerente ao turbilhão de sentimentos que as envolvem, precisam também de idéias para administrar-se interiormente e criarem nova forma de organização de suas vidas, o que requer ênfase a educação que vise o desenvolvimento da ética e da humanização respeitando a alteridade de maneira sutil, para que desta forma percebam as vantagens advindas desses comportamentos, e ao final, destaquem-se na sociedade em que vivem.

Entende-se por bárbaros os povos de origem germânica que habitavam as regiões norte e nordeste da Europa e noroeste da Ásia, viviam em relativa harmonia com os romanos, fazendo trocas e comércio através das fronteiras, muitos eram contratados para compor o exército romano: essa relação pacífica durou até o século IV, quando os hunos pressionaram os outros povos da fronteira do império.

Os séculos IV e V foram de invasões em busca de solos férteis e climas agradáveis, por vezes a violência tomava conta dessas invasões. Dentre os bárbaros os hunos se destacavam pela sua avidez e violência nas guerras e pilhagens. Eram nômades e a principal fonte de renda era o saque aos povos dominados, seu principal líder foi Átila, responsável por várias conquistas em guerras e batalhas.

Originalmente concebidos como entretenimento para adultos, os contos de fadas eram contados em reuniões sociais, nas salas de fiar, nos campos e em outros ambientes onde os adultos se reuniam e não nas creches (CASHDAN, 2000 p.20).

A partir do séc. XVI, os contos de fadas, ainda para adultos, começaram a ser reunidos em coletâneas, destacando-se "Noites Prazerosas de o Conto dos Contos".

Ainda no período do renascimento, contando com a influência Céltico- Bretã Shakespeare apresenta a peça "Sonhos de Uma Noite de Verão" onde se destaca Oberon, que é um mago, uma Titânia uma rainha das fadas e Puck que é um duende. E

também em sua obra “Romeu e Julieta um Bardo (pessoa encarregada de transmitir a histórias, lendas, contos etc... de forma oral) introduz uma fada, a Rainha Mab”.

No fim do século XVII, pouco antes da revolução Francesa do século XVIII,com a decadência do racionalismo clássico, surge uma literatura extra oficial que celebrará a exaltação da fantasia, do imaginário e do sonho.

Em sua produção e divulgação destacou-se o papel das preciosas, mulheres cultas que reuniam em seus salões a elite intelectual da época, muitas vezes para apreciar exclusivas dramatizações de contos de fadas.

Madame D’Aulnoy se tornou a Baronesa Preciosa mais conhecida, tanto por sua produção literária como por sua via escandalosa. A sua produção “História de Mira”, de 1691 se transformou em um sucesso e lançou moda na corte francesa.

Posteriormente em 1696 e 1698, ela escreveu mais oito romances periocos, dentre os quais se destacam os contos de fadas; novos contos de fadas e Ilustres fadas, que continham contos como: “O pássaro azul”, “A princesa de cabelo der ouro” que posteriormente foram reaproveitados como literatura infantil.

O ambiente propício criado pelos romances preciosos possibilitou a acolhida de outros contos como “As mil e uma noites” do início do século XVIII. Já em 1785 e 1789, foi publicada a série “Gabinete das fadas-coleção Escolhida de Contos de Fadas e outros contos maravilhosos”, essa coleção continha quarenta e um volumes escrito por vários autores, e marcam o fim deste tipo de produção literária voltada exclusivamente para o público adulto.

Segundo Coelho (1987), os contos de fadas, voltados para o público infantil, devidamente modificado e alterados, teriam nascido quase por acaso na França no século XVII, pelas mãos de Charles Perroult.

Já para Cashdan (2000), a transformação dos contos de fadas em literatura infantil só teria mesmo ocorrido no século XIX, em função da atividade de vendedores ambulantes chamados de mascates que viajavam de um povoado para o outro vendendo pequenos volumes baratos chamados chapbooks, que continham estórias simplificadas do folclore e contos de fadas expurgados das passagens mais fortes, o que dessa forma facilitava o acesso a um público maior.

A racionalidade do Século das Luzes condenou os contos de fadas a um ostracismo temporário, mas eles seriam reabilitados no século XIX, através da iniciativa de pesquisadores como os irmãos Jakob e Wilhelm Grimm - cuja recolha de contos populares alemães foi publicada em 1812 - e de autores como Hans Christian Andersen, que pautaram seus próprios contos na tradição maravilhosa. Muitos outros viriam a seguir a mesma trilha, desde Collodi, Barrie e Lewis Carroll até escritores contemporâneos.

Além dos próprios autores e dos teóricos da área da Literatura, os contos de fadas vêm sendo analisados por psicólogos, como Jung e seus discípulos, que vêem nos personagens os arquétipos do inconsciente coletivo, por psicanalistas, que lhes atribuem significados ligados aos conflitos existenciais, e também por antropólogos e historiadores, que os analisam segundo o contexto em que foram produzidos e veiculados.

Dessa forma, o abandono de João e Maria na floresta seria um costume dos camponeses em períodos de fome prolongada; o Ogro devorador de crianças estaria associado à figura (real) de Gilles de Rais, e assim por diante. Até as roupas da “Chapeuzinho

Vermelho", cujo simbolismo é ligado ao do sangue (o da puberdade e o da virgindade), ganham outra interpretação no contexto histórico, pois o vermelho era a cor escolhida por muitas jovens para os vestidos de casamento, mas era também, em algumas regiões, a cor usada para distinguir as prostitutas.

Todas essas análises, contudo, são unânimes quando se trata de reconhecer, por trás das bruxas e das fadas, a figura universal das mulheres sábias: as curandeiras, parteiras e sacerdotisas, as anciãs temidas e veneradas, guardiãs da sabedoria da comunidade e responsáveis pela transmissão das histórias às novas gerações. Pois não importa a roupagem de que se revestiram os contos de fadas: foi a voz dessas mulheres que chegou até nossos ouvidos. E, quer estejamos ou não conscientes disso, são elas que, bem lá no fundo, vivem dentro de nós, zelando pelo pequeno e precioso tesouro que nos legaram nossos antepassados.

Os contos de fadas em sua origem não eram destinados á criança, nem faziam parte da educação burguesa. Na Idade Média o conto de fadas tinha o objetivo de expressar, de forma simbólica, os conflitos dos camponeses. Mas na medida em que a sociedade ia se transformando e surgia uma nova classe social, a burguesia urbana, os contos de fadas começaram a ser recontado para as crianças das novas famílias e aos poucos foram sofrendo adaptações.

Desta forma os contos de fadas passaram a transmitir valores burgueses, conformando a criança a um certo papel na sociedade. Por meio da magia, o infante foge às pressões familiares e realiza-se no sonho, ao contrário do que acontecia com o relato folclórico entre a população pobre da Idade Média, quando a fantasia estava a serviço do escapismo e da conformação.

A magia e o encanto que os contos da fadas transmitem até hoje estão no fato de que eles não falam a vida real,mas a vida como ela ainda pode ser vivida, apresentando situações humanas possíveis e imagináveis.

Segundo Ariès (1981), na Idade Média a infância era muito reduzida, logo que a criança começasse a falar, andar e comer sozinha, era introduzida no mundo dos adultos e passava a circular em todos os ambientes destes. A parir do século XVI, inicia-se o processo de constituição da infância e a escolarização separa as turmas de criança dos adultos.

A criança passa a ser o centro das atenções da família e a escola passa a ser a instituição que vai guiá-la para atingir a razão e para formá-la de acordo com o determinado ideal. Com essa nova visão de infância, é construída uma nova concepção de família, sendo assim, só faz sentido falar em literatura infantil quando se possui algo chamado infância, é durante esse período que surge a chamada literatura infantil com o objetivo de integrar a criança ao mundo.

Bettelheim (1980), salienta como os contos de fadas incentivam a criança a desenvolver a imaginação e organizam a realidade através da fantasia. Para que isso ocorra, eles são tramados como se fossem uma renda ou um tricô, feitos com um ponto bem simples. Ou seja, sem deixar de apresentar uma temática humana complexa, os contos possuem uma reforma e uma estrutura tão simples que a criança consegue não só acompanhar o enredo, mais também viver a história junto com as personagens.

A criança, ao ingressar na escola, encontra-se em um importante momento de transição. Ao mesmo tempo em que se vê diante de uma série de oportunidades, depara-se com forte angústia relativa à separação dos pais e às novas pressões da sociedade.

Terá de se submeter a regras e ao difícil processo de aprendizagem.

Nesse momento, muitas questões inerentes ao processo de crescimento ainda não foram superadas e, ao contrário, são vividas intensamente. Dificuldades em superar o narcisismo, os conflitos edípicos, as rivalidades fraternas, o egocentrismo, as perdas, entre outras questões, se não puderem ser externalizadas, provocarão intensa angústia e dificultarão o desenvolvimento. Fortes reações emocionais virão à tona, podendo ser detectadas e trabalhadas pelos educadores.

Para Radino (2003), os contos de fadas podem auxiliar a criança, justamente porque são representações de acontecimentos psíquicos, diferentes da realidade factual. Nos contos, são projetadas fantasias inconscientes e universais, que vão tratar da realização dos desejos relacionando-os a angústias inerentes ao processo de desenvolvimento.

Cashdan (2000), por sua vez, considera que os contos de fadas representam uma janela especial que se abre para a vida emocional das crianças, e que o impacto que estes têm sobre nós, adultos, vem da influência que tiveram sobre nós quando éramos crianças. Para ele, os contos de fadas são mais do que aventuras repletas de suspense que excitam a imaginação; são mais que mero entretenimento onde ele diz que:

Por trás das cenas de perseguição e dos resgates no último minuto, há dramas sérios que refletem eventos que acontecem no mundo interior da criança. Embora o atrativo inicial de um conto de fadas possa estar em sua capacidade de encantar e entreter, seu valor duradouro reside no poder de ajudar as crianças a lidar com os conflitos internos que elas enfrentam no processo de crescimento (Cashdan, 2000, p.25).

Segundo Bettelheim (1980), os contos de fadas transmitem importantes mensagens à mente em qualquer nível que esteja funcionando no momento. Lidando com problemas humanos universais, em particular os que preocupam o pensamento da criança, estas histórias falam ao ego e encorajam seu desenvolvimento, ao mesmo tempo aliviam pressões pré-conscientes e inconscientes. À medida que estas histórias se desenrolam, dão validade e corpo às pressões do id, apontando caminhos para satisfazê-las, que estão de acordo com as requisições do ego e do superego.

Betteelheim (1980), salienta também que o prazer que experimentamos quando nos permitimos ser suscetível a um conto de fadas, e o encantamento que sentimos, não vêm do significado psicológico de um conto (embora isto contribua para tal), mas das suas qualidades literárias. O conto de fadas não poderia ter seu impacto psicológico sobre a criança se não fosse antes de tudo, uma obra de arte:

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade (BETTELHEIM, 1980, p.20).

Para Radino (2003)a psicanálise trouxe importantes contribuições para a atual concepção de infância. Pois segundo a autora, nas primeiras relações é que a criança, através das identificações, poderá constituir-se enquanto sujeito.

Por meio de mecanismos como a idealização, a introjeção, a projeção e a transferência, ou seja, a criança irá formando um padrão de relação, tornando-se um sujeito que busca a realização de seus desejos e a satisfação de suas pulsões. Portanto os contos de fadas mostram à criança questões humanas que ela vivencia, mas não tem condições de verbalizar.

Eles propiciam que seus desejos tomem formas emprestando um cenário aos seus sonhos e aguçando sua imaginação favorecendo assim seu processo de simbolização tão necessário à sua inserção em um mundo civilizado e cultural.

Radino (2003), diz que o conto de fadas não é o único, mas pode ser um importante instrumento de trabalho, auxiliando a criança a lidar com a ansiedade que está vivendo e a superar obstáculos, favorecendo o desenvolvimento de sua personalidade.

Para muitos adultos ainda nos dias de hoje os contos de fadas significam fuga da realidade e não um ponto de partida para o conhecimento do real.

Ainda segundo Radino (2003), muitas dessas reações refletem preconceitos relacionados à própria concepção de infância. Inseridos em um mundo adulto, capitalista e racional, onde por inúmeras vezes desconsideramos as reais necessidades da criança, em função de uma imagem que idealizamos. Porém, ao contrário de desorganizar, a fantasia pode ser um importante elemento de organização simbólica.

Para a autora, ao censurar os contos de fadas, muitos pais e professores não estarão protegendo a criança de vivenciar as situações que estes apresentam como o medo, a sexualidade, a inveja, o ódio, entre outros, visto que estes sentimentos já estão presentes na criança, de forma fantasiada, desde muito cedo. A idéia de muito contato com a fantasia desorganiza, ao contrário do que se imagina, pode servir como fonte de elementos simbólicos para a própria organização mental.

Os contos de fadas, com seus enredos repletos de elementos mágicos, oferecem inúmeros estímulos para a imaginação infantil e, estas histórias não iludem, mas expõem as crianças a todas as dificuldades fundamentais do homem. Para ela, os contos aguçam a imaginação por serem formas simples e fechadas. Contudo, obedecem a uma lógica muito rigorosa, e isto possibilitou a análise formal de suas estruturas narrativas por alguns teóricos.

Segundo Coelho (1987), contos de fadas são narrativas desenvolvidas dentro de uma magia feérica (reis, rainhas, príncipes, princesas, fadas, ogros, gigantes, metamorfoses, objetos mágicos, etc.), com ou sem a presença de fadas e que apresentam, como eixo central, uma problemática existencial. Tratam de um herói ou heroína que deve superar obstáculos ou provas, até atingir a realização essencial, desembocando muitas vezes em uma união homem-mulher.

Já para Radino (2003), todo conto inicia em um outro tempo e em um outro lugar, e a criança sabe disso. Ao iniciar um “era uma vez”, ela sabe que partirá em uma viagem fantástica e que dela retornará com um “e viveram felizes para sempre” ou expressões semelhantes.

Esses rituais mostram que vamos tratar de fantasia e isso faz com que embarquem nessa viagem e se identifiquem com os personagens.

Os contos de fadas, segundo Bettelheim (1980) oferecem novas dimensões à imaginação da criança o que ela não poderia descobrir verdadeiramente por si só e o mais importante: a forma e a estrutura dos contos sugerem imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida.

O uso da fantasia na literatura infantil tornou-se mais um recurso de adequação de texto ao leitor devido ao fato de ser uma narrativa que apresenta uma situação inicial evoluindo depois para um conflito que exige

um processo de solução, já que a criança compreende a vida através do imaginário e o livro infantil põe a criança em contato com o mundo.

Foi a partir, principalmente, do estudo de Philippe Ariés - História Social da Infância a da Família - que a infância passou a ser compreendida como uma construção histórica e cultural e não mais como uma simples fase natural, universal e homogênea. Ou seja, cada sociedade, em cada tempo histórico atribui determinados significados à fase inicial da vida humana, o que difere dos dias de hoje onde a criança de classe média e de classe popular pode representar vivências, hábitos e valores diferentes.

Segundo Ariés (1981), na Idade Média a infância era muito reduzida, logoque a criança adquirisse certa independência, era introduzida no mundo dos adultos e passava a circular em todos os ambientes destes. A arte medieval demonstrava essa indiferenciação entre adultos e crianças, ao representar as crianças com os mesmos traços e roupas dos adultos. A partir do século XVII, inicia-se o processo de constituição da infância.

A escolarização separa as turmas de crianças dos adultos e ocorre uma moralização dos jogos, danças, linguagem e comportamentos. A criança passa a ser o centro das atenções da família e a escola passa a ser a instituição que vai guiá-la para atingir a razão e para formá-la de acordo com um determinado ideal. Surgem então os especialistas formando os campos da Psicologia, Puericultura, Pedagogia e Pediatria e ao lado dessa nova visão de infância, é construída uma nova concepção de família.

Sendo assim só faz sentido falar em literatura infantil quando se possui algo chamado infância, foi durante esse período que surgiu a chamada literatura infantil, cujo objetivo, no início era o de integrar a criança ao mundo A literatura surge como material essencialmente educativo as primeiras obras destinadas ao público infantil, são, coletâneas escritas de contos populares, que nasceram na boca do povo e traziam marcas de fome e de luta pela sobrevivência, retratando as condições dos camponeses europeus na Idade Média.

A literatura passou então, a ser vista como um importante instrumento de propagação dos objetivos e valores dessa nova classe social emergente. Os contos tornaram-se didáticos, comprometendo o seu reconhecimento como forma de expressão artística e o gosto pela leitura.

Já no Brasil a literatura infantil começa a transitar no século XIX, difundindo a mesma concepção que lhe dera origem e contextualizando-se no panorama da literatura universal. Diante disso, a literatura brasileira sofreu dificuldades para ser reconhecida como produção artística e só foi oficializada na década de vinte, pelas obras de Monteiro Lobato do qual recebeu um novo figurino e inovação temática, aproximando a linguagem coloquial que caracterizava a fala brasileira.

Apesar disso, a Literatura infantil brasileira, recebeu várias inovações ao longo do seu percurso, rumo a maturidade do gênero proposto por Monteiro Lobato, sendo que atualmente existem obras que permitem ao professor a possibilidade de apresentar o mundo mágico da literatura como suporte nas atividades escolares.

Trabalhar com histórias permite levar as crianças a viajar para um outro mundo real, além de propiciar momentos de alegria e desenvolver a fantasia enriquecendo a mente.

Através de estudos desenvolvidos ao longo da história, constatou-se, também, que as crianças que desde cedo ouvem histórias,

são estimuladas a desenvolver o gosto pela leitura, desenvolvendo a capacidade de melhor entender seus semelhantes, relacionando-se com eles de forma mais harmoniosa. Assim, a criança poderá compreender melhor e até aceitar os problemas sociais principalmente os relacionados ao seu meio, percebendo que isto faz parte da vida, mas que há possibilidades de solucioná-los ou mesmo aceitá-los sem grandes decepções.

Segundo Betteheim (1980 p. 32) “Os contos de fada declaram que uma vida compensadora e boa está ao alcance da pessoa apesar da adversidade mas apenas se ela não se intimidar com as lutas do destino, sem as quais nunca adquire identidade.”

Porém, de modo geral a Literatura Infantil é criada por adultos que expressam as suas idéias, repassando o que eles consideram importante à formação de seus leitores, impedindo que a criança entenda por si própria o que a história revela sobre a vida e a natureza humana. Assim, hoje muitas crianças são privadas de conhecer os contos clássicos, ou lhes são apresentadas versões simplificadas, as quais foram adaptadas a situações do presente e delas retiradas os sonhos e as fantasias que eram repassadas nas versões originais.

Um dos desafios a enfrentar hoje na educação infantil é o de conseguir adaptar uma prática pedagógica voltada para atender as necessidades da criança que já está vivendo os processos de aquisição da linguagem e escrita. O objetivo a ser alcançado não é mais o de “preparação”, desenvolvimento de prontidões para o ensino fundamental, atualmente, a alfabetização deixou de ser encarada como um momento estanque e passou a ser compreendida como um processo, no qual a educação infantil tem papel ativo e constitutivo.

Mas devido ao surgimento de alguns educadores como Teberosky, Ferreiro, Soares, Colello e outros, iniciou-se uma nova estruturação do processo de alfabetização, apresentando-se caminhos para uma educação construtiva e de qualidade.

Com a chegada da educação construtivista que surgiu em meados dos anos 80, baseados nos estudos da psicogênese da língua escrita apresentado pela ex-aluna de Piaget, a educadora argentina Emilia Ferreiro, o pensamento sobre o conhecimento tomou novos rumos, deixou de ser concebido como algo pronto e acabado, e sim produzido pela prática nas relações entre seres humanos.

Com efeito, ao considerarmos o conhecimento como instrumento de compreensão da realidade e de reflexão crítica acerca dos fundamentos da ciência e da filosofia indicou a necessidade de que observemos, interpretemos e compreendamos as vivências dos educando bem como os problemas formulados ou demonstrados por eles no campo cognitivo da comunicação, isto é, no âmbito de sua realidade.

Nesse processo, os alunos passam à condição de sujeitos da construção de seus conhecimentos e os educadores tornam-se indispensáveis mediadores entre as necessidades dos educando e o conhecimento.

Tais relações nos remetem a uma nova concepção educativa, a qual o conjunto de suas ações devem estar voltados para o desenvolvimento dos conceitos e habilidades cognitivas e relacionais que permita a construção de valores visando à autonomia dos educando para que se insiram no mundo a partir de uma perspectiva transformadora, crítica e criativa.

Cortella (2000) rebate a idéia de conhecimento como descoberta, algo que está à espera de alguém para ser “descoberto”,

absorvido tal como se apresenta, pois acredita que o conhecimento é produzido nas relações entre os seres humanos e os objetos (sujeito e objeto) que é passível de transformações e reconstruções. Assim também a construção do conhecimento está relacionada com as necessidades de cada momento, seus aspectos culturais, históricos e sociais, o que permite o desenvolvimento de um tipo de pensamento que tenha efeito útil para cada época e sociedade.

O conhecimento pode variar de uma sociedade para outra, de uma época histórica para outra como educação oriental e ocidental, por essa razão a verdade não é descoberta e sim é uma construção cultural. O conhecimento e a verdade são construídos a partir da história, de influências sociais que dão significado e orientação para a ação humana, e desse modo todo conhecimento deve levar em conta o contexto no qual foi produzido.

Assim afirma Cortella “O conhecimento é fruto da convenção, isto é, de acordos circunstanciais que não necessariamente representam à única possibilidade de interpretação da realidade” (CORTELLA, P.104)

Sendo assim o conhecimento é passível de mudanças e reconstruções,para definir educação como fenômeno histórico e social é preciso refletir sobre a cultura, e assim recorrendo a uma definição abrangente, sabemos que a educação é transmissão de cultura. A necessidade é o princípio básico que leva o homem a fazer cultura, no mesmo momento em que tenta interferir na natureza ele põe em ação sua razão e criatividade.

CONCLUSÃO

Após minuciosa pesquisa baseada em importantes teóricos, consideramos que os contos de fadas contribuem de forma efetiva na construção do aprendizado cognitivo, assim como auxiliam também no pleno desenvolvimento sócio/afetivo da criança, pois, propiciam vivenciar situações de conflito, como protagonistas do mundo da fantasia, contribuindo para os possíveis enfrentamentos no mundo real.

Os contos de fadas oferecem inúmeras contribuições às crianças em desenvolvimento. No campo emocional podem ajudar a criança a elaborar e vencer dificuldades psicológicas complexas, porque oferecem a possibilidade de se construir uma ponte entre o mundo inconsciente e a realidade externa, visto que há em cada história uma linguagem simbólica que se comunica diretamente com o inconsciente e, mesmo que a criança não expresse sua compreensão acerca da mensagem contida na história, isto não significa que esta não foi entendida.

Para que esse intento seja alcançado se faz necessário selecionar obras capazes de serem absorvidas pelos jovens leitores e que traduzam humor, mistérios, problemas existenciais e afetivos, vida, morte enfim tudo o que possa fazer parte do nosso mundo existencial.

A maneira de ver a criança e o tratamento dado a ela passou por muitas mudanças ao longo da história da humanidade. De adulto em miniatura a criança tornou-se objeto de estudo de inúmeras teorias do desenvolvimento, denotando uma preocupação com esta importante etapa da vida. Junto a essas transformações surgiu à literatura infantil, refletindo também, com os passar dos anos, a concepção de criança. À medida em que esta recebe diferentes olhares, os contos e as histórias vão se modificando de modo a acompanhar essas mudanças.

Os contos de fadas são um meio para a criança experimentar de maneira simbólica o modo de agir em relação ao outro e também